

O lugar da crítica de televisão no Brasil: do impresso ao audiovisual em rede¹

Ana Carolina Resende de Macedo²

Rafael Barbosa Fialho Martins³

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

Este estudo busca compreender o lugar da crítica de televisão na atualidade brasileira a partir de um recorte focado na imprensa tradicional, nos sites nativos digitais e nos canais do YouTube. A partir do mapeamento inicial, identificaram-se duas categorias principais de análise: a autoria e os veículos de circulação. Os resultados indicam que, enquanto a imprensa hegemônica mantém os padrões tradicionais do gênero, os veículos digitais diversificam linguagens e ampliam o alcance da crítica televisiva.

PALAVRAS-CHAVE: crítica de televisão; televisão; veículos; autoria; linguagens.

INTRODUÇÃO

A crítica de televisão brasileira, historicamente, ocupa um lugar às margens dos grandes destaques jornalísticos, sendo submetida a espaços destinados à cultura ou ao entretenimento. Segundo Silva e Soares (2019), a crítica atua em diferentes dimensões, como no jornalismo, nas artes e na indústria, o que torna esse produto uma mediação cultural de gêneros da TV, a partir de valores que englobam a estética, a sociedade e a simbologia cultural.

Nesse sentido, o local ocupado pelas críticas televisivas vem sofrendo transformações na atualidade brasileira. As inovações tecnológicas provocam o deslocamento dos textos impressos ao ambiente digital, ora em sites nativos digitais, ora em plataformas midiáticas como o *Youtube*, consolidando o formato audiovisual em rede. Em entrevista para Amanda Miranda (2023), o crítico Mauricio Stycer afirma que, na contemporaneidade, o profissional especializado deve dialogar com as dinâmicas das mídias sociais, adaptando a profundidade de sua análise aos padrões acelerados das redes. Dessa maneira, a crítica ultrapassa os limites das obras televisivas e encontra lugar nos veículos digitais.

Portanto, ao tratarmos o lugar da crítica de televisão no Brasil, esse trabalho demonstra que não há um local específico para essa prática jornalística. Silva e Soares

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 3º. período do Curso de Jornalismo da UFJF, email: anacarolina.macedo@estudante.ufjf.br

³ Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação/UFJF, email: rafael.fialho@ufjf.br

(2016, p. 13) afirmam que “[...] a crítica circula em *blogs*, *vlogs*, redes sociais e em sites de jornalismo cultural, mas quase nunca com um espaço exclusivo”, o que demonstra a ocupação desse gênero aliada a outras editoriais culturais, como o cinema, o teatro ou a literatura. Em uma outra perspectiva, a expansão dos textos críticos do impresso ao audiovisual em rede denota novas possibilidades de circulação, mas também novos desafios, como a credibilidade dos críticos e a postura desses novos meios de comunicação. Como afirma Miranda (2023), a crítica atual enfrenta um espaço dominado pela aceleração das redes sociais e da falta de espaço definido, o que desafia esse gênero do jornalismo a ser mais direto com os empecilhos impostos pelas plataformas digitais.

Logo, nossa pesquisa propõe uma reflexão sobre a crítica como uma instância que sofre modificações, porém permanece central no debate sobre a televisão brasileira. Este artigo é um recorte de um estudo maior que vem sendo desenvolvido desde 2024 e tem como problema fundador a pergunta: em que espaços se localiza a crítica televisiva no Brasil atual e como ela tem se reconfigurado? Por ora, descreveremos as análises relativas a duas categorias: a autoria das críticas e os veículos de publicação desses textos/materialidades, buscando compreender por quem e como esses espaços críticos têm sido ocupados atualmente.

METODOLOGIA

Para a análise, utilizamos um recorte voltado para os três tipos principais de meios de comunicação responsáveis pela divulgação dos textos: o jornalismo hegemônico (impresso e digital), os sites nativos digitais e os canais da plataforma *Youtube*. Entendemos que essas três dimensões abrangem o lugar da crítica na mídia contemporânea, que se transformou de um produto textual para um visual e sonoro, também se configurando em formatos de *lives* ou de *podcasts* (Miranda, 2023).

Como critério de avaliação das críticas, usaremos o mapeamento dos três âmbitos dos recortes como metodologia para entendermos a fundo as características de cada veículo escolhido, além da revisão bibliográfica para sustentar as amostragens colhidas e analisadas. Na categoria relativa aos profissionais, buscamos entender quem são os profissionais responsáveis pela crítica de TV, sua identificação em termos de raça e gênero, sua formação, trajetória profissional, remuneração e modos de trabalho. Já na

categoria dos veículos de comunicação, coletamos dados para visualizarmos itens como o modelo de negócio, linha editorial, fontes de receita, alcance/audiência/tiragem, periodicidade de publicação das críticas, proporção da quantidade de críticas publicadas em relação aos demais conteúdos sobre TV. Nem todos os quesitos serão contemplados neste resumo por economia de espaço, mas serão abordados na pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica se sustenta nos estudos de Silva e Soares (2013, 2016 e 2019) e Miranda (2023), uma vez que essas autoras compreendem a crítica como um gênero que promove a união entre a subjetividade e a técnica, além da opinião e da análise, que possui o objetivo de formar um espaço voltado para a construção de sentidos sobre a televisão. Ademais, o embasamento teórico também sustenta que a crítica de TV se constitui em novos formatos e novas linguagens, ampliando o seu alcance para novos públicos, mas que também se torna mais desvalorizada no campo do jornalismo. Aqui, tomamos a definição de crítica tal como sistematizada por Soares e Serelle (2013):

A crítica, como gênero, é de tradição moderna e, ainda que seja constantemente reinventada, remete a, pelo menos, dois movimentos: o de julgamento e o de interpretação de obras. O julgamento, a partir justamente de valores e repertórios, atua como farol para os próprios criadores e para os leitores, indicando aos primeiros, tendências, e aos outros, nortes para formação de gostos e opiniões [...]. Já o segundo movimento da crítica, o de interpretação das obras, pode ser percebido na expressão benjaminiana que considera a crítica como um *medium-de-reflexão*, i.e., como forma de penetração na obra que extraia dela reflexões para todo sistema cultural (SOARES; SERELLE, 2013, p. 174).

Em termos de produção científica, o tema da crítica televisiva ainda carece de maiores esforços, já que a bibliografia encontra-se menos atualizada do que deveria. Entre os estudos mais significativos, estão os de Gadini (2009), que analisou apenas cadernos de jornais impressos; a análise comparativa entre os blogs de Patricia Kogut e Daniel Castro realizada por Soares e Serelle (2013) e as produções de Silva (2019; 2016; 2014). Nenhuma dessas análises, porém, levou em conta todo o “ecossistema” crítico que existe hoje, paralelamente aos meios hegemônicos de imprensa. Logo, se faz necessário avançar em uma perspectiva que não apenas reconheça mas se detenha sobre as particularidades da crítica que é feita não apenas nos veículos tradicionais, mas também nesses sites nativos digitais. Em estudo seminal sobre crítica de mídia no Brasil

(2006), Braga já questionava se o jornalismo cultural brasileiro uma crítica séria, organizada e aprofundada sobre os meios e produtos televisivos. O autor, além de Soares e Serelle (2013) notavam um embaralhamento do espaço reservado para a crítica em si e a cobertura de bastidores das empresas televisivas e celebridades.

ANÁLISES E RESULTADOS

O levantamento inicial dos dados, durante a pesquisa, baseia-se no recorte temporal de dez/2024 - jan/2025 com o mapeamento dos principais autores e veículos responsáveis pela circulação de críticas televisivas. O primeiro objetivo do mapeamento foi a investigação dos perfis profissionais dos críticos, buscando compreender a sua carreira e a sua identidade. Dessa forma, a amostragem coletou cerca de vinte e cinco profissionais especializados na escrita desse gênero, nas três instâncias analisadas: o jornalismo hegemônico, os sites nativos digitais e os canais do *Youtube*, como demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 - Mapeamento do quesito “autoria” das críticas de televisão

Jornalismo hegemônico	Nativos digitais	Canais do Youtube
Anna Luiza Santiago Danilo Thomaz Kelly Miyashiro Maurício Stycer Patricia Kogut	Leão Lobo Ricky Haraoka José Armando Vanucci Daniel Castro Walter Felix Silvio Cearceau Sandro Nascimento Daniel César Fábio Marckezini Sérgio Santos André Santana Maura Martins Henrique Haddefinir Anderson Narciso	Tati Martins Marcelo Carlos Larissa Martins Fábio Garcia Diego Schueng Dantas José Armando Vanucci

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Após a catalogação dos autores encontrados, presentes na tabela 1, o quesito “autoria” foi analisado a partir das seguintes questões: o perfil de gênero e de raça dos críticos e a sua formação acadêmica. Esses questionamentos foram realizados a fim de compreender o perfil social desses profissionais em seu ambiente de trabalho, buscando compreender a identidade dos autores. Os resultados apontam a presença massiva de homens brancos na atuação da crítica de televisão, uma vez que cerca de 70% dos

profissionais analisados se enquadram nessas características de raça e de gênero. É ainda mais preocupante notar que apenas seis mulheres foram encontradas na amostra, o que denota o ambiente da crítica como predominantemente masculino. Além disso, percebe-se que, mesmo nos veículos digitais, há uma concentração de profissionais com formação superior, em jornalismo ou não, o que pode estar indicando o digital como uma plataforma que “acolhe” os profissionais que não encontram colocação no jornalismo hegemônico ou em outras plataformas midiáticas.

Ademais, a categoria dos veículos também foi analisada a partir do mapeamento. Primeiramente, a linguagem das críticas varia conforme o veículo: no jornalismo hegemônico, por exemplo, a maioria dos críticos escrevem e abordam as suas temáticas em formatos de textos. Já os sites nativos digitais apresentam um padrão parecido, pois as críticas também são escritas em formato de texto. Entretanto, o veículo *Splash UOL* se diversifica dos demais ao manter críticas escritas e expandi-las para outros formatos, como a expansão dos textos para outros meios comunicacionais. Por fim, os canais do *YouTube* são os que mais expandem a diversidade da exposição das críticas para o público, pois diversos formatos são utilizados para expressar a opinião dos críticos, como as *lives* que são vídeos de longa duração em que ocorre a análise de vários conteúdos em apenas uma transmissão.

Nessa perspectiva, o último resultado deste estudo depreende-se da análise dos modelos de negócio de cada meio de comunicação pesquisado, que variam de acordo com a linha editorial de cada veículo. Desse modo, a imprensa tradicional investe principalmente no modelo de assinatura, além da publicidade, para acesso às edições físicas e digitais dos jornais, o que minimiza o alcance das críticas, uma vez que fazem parte de um conteúdo pago. Já os sites nativos digitais apresentam a maior acessibilidade do público com o material publicado, pois esse meio de canal comunicacional sobrevive principalmente da publicidade, com exceção do *Splash UOL* que fornece a interatividade do usuário com o texto apenas com a assinatura paga. Em última medida, os canais do *Youtube* também apresentam um teor mais aberto para a interação do público, embora também existam certos tipos de assinatura nesse veículo, como por exemplo o uso do “Canal de membros” para acesso de conteúdo exclusivo dos críticos e dos “*Super Chats*” para a interação específica durante as *lives*. De forma geral, o único veículo que promove uma aproximação maior com o público são os

nativos digitais, visto que são o único meio de comunicação em que a audiência consegue acesso de forma livre a todos os conteúdos publicados.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados** – a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

MIRANDA, Amanda. O papel do crítico em tempos de crises: entrevista com Mauricio Stycer. **RuMoRes**, v. 17, n. 33, p. 12–21, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/212880..> Acesso em: 10 de abr. de 2025.

SILVA, Fernanda. Criticando a TV: considerações sobre o papel da crítica na construção dos gêneros televisivos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 16, Nº 1, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n1p21/40229>. Acesso em: 10 de abr. de 2025.

_____. Quando a crítica encontra a TV: uma abordagem cultural para a análise da crítica televisiva. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 2, p. ID22177, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22177>. Acesso em: 27 maio. 2024.

_____. Em busca de um telejornalismo legítimo: critérios de qualidade nas críticas de Artur da Távola dos anos 1970. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 41, n. 41, p. 57–78, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/83421>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. Possibilidades políticas da crítica em perspectiva teórica. **RuMoRes**, São Paulo, v. 13, n. 26, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2019.163281>. Acesso em: 11 fev. 2025.

_____. Lugares da crítica na cultura midiática. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 9–28, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/CMC/article/view/6936>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. Para pensar a crítica de mídias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 820–839, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16120>. Acesso em: 15 fev. 2025.